

APRESENTAÇÃO: LITERATURAS LATINO-AMERICANAS EM LÍNGUA FRANCESA

Danielle Grace (UFRN)¹

Rodrigo Ielpo (UFRN)²

Literaturas latino-americanas em língua francesa. O título da chamada para o dossiê que compõe o presente número da *Revista do Gelne* poderia dar-se como evidência temática sem a necessidade de um retorno sobre seus termos. No entanto, “Literaturas latino-americanas” remete, necessariamente, a um problema conceitual que impõe um retorno sobre o próprio significado de América Latina. Ou seja, do que falamos quando dizemos “América Latina”? É a pergunta que, de certo modo, Darcy Ribeiro (2010) se faz num texto intitulado “A América Latina existe?”, publicado originalmente em 1986 como parte do livro *América Latina: Pátria Grande*. No texto em questão, o autor não tem dúvida em afirmar a realidade da região em questão. Todavia, para sustentar seu argumento, ele aponta para uma unidade que, aos olhos de hoje, aparece como bastante problemática, como podemos observar pela passagem abaixo:

Por cima das linhas cruzadas de tantos fatores de diferenciação — a origem do colonizador, a presença ou ausência e o peso do contingente indígena e africano e de outros componentes —, o que sobressai no mundo latino-americano é a unidade do produto resultante da expansão ibérica sobre a América e o seu bem-sucedido processo de homogeneização (RIBEIRO, 2010, p. 34)

O autor chama a população fruto desse “bem-sucedido processo de homogeneização” de “neoamericanos”³, destacando “a uniformidade e o processo de homogeneização que engloba mais de 90% dos latino-americanos” (RIBEIRO, 2010, p. 35). Além de não aprofundar a origem dessa matemática unificadora, Darcy Ribeiro foca exclusivamente na “expansão ibérica”, deixando de fora, conseqüentemente, os povos originados da colonização francesa. Ele escreve mobilizado pela utopia de uma unificação que ecoa “A meta de Bolívar [que] era opor aos estados unidos setentrionais os estados unidos meridionais. A Pátria Grande de Artigas, a *Nuestra América* de Martí”. (RIBEIRO, 2010, p. 37). Isso explica, em parte, a exclusão, embora, ao falar sobre “a presença do negro africano”, ele afirme sua concentração “de forma maciça na costa brasileira de mais antiga colonização e nas áreas de mineração, e também nas Antilhas, onde floresceu a plantação açucareira”, além dos “diversos bolsões negros na Venezuela, Colômbia, Guianas, Peru, e em algumas áreas da América Central” (RIBEIRO, 2010, p. 27), reincorporando, ainda que provisoriamente, territórios de colonização francesa. Vê-se nesse recorte parcial um claro problema, agravado pelo fato de Darcy Ribeiro lançar mão, como mostra texto posterior reunido no mesmo volume que leva o título do artigo em questão, do conceito de latinidade:

¹ Professora adjunta de Ensino de Língua francesa e suas literaturas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DPEC/CE) e integra o programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Pesquisa a poesia e as literaturas diaspóricas e anticoloniais de língua francesa produzidas na América Latina. E-mail: danielle.grace@ufrn.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0671-3098>.

² Professor Doutor de Língua Francesa e Literaturas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e membro do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas (PPGLEN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: rodrigo.ielpo@ufrn.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8306-6974>.

³ Em *Introdução a uma poética da diversidade*, Édouard Glissant (1996, p. 15) menciona Darcy Ribeiro e fala de uma “Neo-América” e de um “neo-americano”. Todavia, para o escritor e ensaísta martinicano, longe da uniformidade de base ibérica, o neo-americano “corresponde à América da crioulaização”. Trata-se, para ele, de uma América onde “é a África que prevalece” (GLISSANT, 1996, p. 15, 16).

Somos o Povo Latino-Americano, parcela maior da latinidade, que se prepara para realizar suas potencialidades. Uma latinidade renovada e melhorada, porque revestida de carnes índias e negras e herdeira da sabedoria de viver dos povos da floresta e do páramo, das altitudes andinas e dos mares do sul (RIBEIRO, 2010, p. 111).

Para além da visão evolucionista presente nesta passagem, o problema é que, como o próprio autor reconhece, “A expressão *América Latina* alcança conotações altamente significativas na oposição entre anglo-americanos e latino-americanos” (RIBEIRO, 2010, p.41), em diálogo direto com a própria gênese do conceito, ligada à noção de latinidade promovida pela França no âmbito de um ideal de panlatinidade. Como demonstra Vicente Romero, a primeira utilização do sintagma se deu em 1856, na França, pelo chileno Francisco Bilbao e pelo colombiano José María Torres Caicedo. Ao comentar sobretudo o uso feito por Bilbao, Romero afirma que,

a expressão “América Latina” e o adjetivo “Latino-Americano” é uma continuação lógica da influência exercida sobre ele [Bilbao] por seu mestre francês Félicité de Lamennais. Como vimos, este último pregará até o fim dos seus dias (1854) a favor de uma frente “latina” como fonte de espiritualidade, em oposição às “forças cegas da matéria” da “raça anglo-saxônica”⁴ (ROMERO, 1998, p. 77).⁵

Todavia, em seu artigo, Romero (1998, p.83) procura demonstrar a fragilidade do conceito ao assinalar que “há em Bilbao e Torres Caicedo uma total falta de análise das forças reais da sua América; esta é reduzida a uma oposição simplista entre os interesses estrangeiros anglo-saxões e os interesses nacionais”.⁶ Como explica o autor, a “análise das forças reais” da região em questão vai de encontro à posição de Darcy Ribeiro justamente por denunciar a violência unificadora por trás da noção de latinidade. Segundo Romero,

por volta de 1850, de toda a população desta América, menos de 1/5 poderia ser considerada, num sentido muito amplo, etnicamente “latina” (...). Portanto, se quiséssemos falar sobre a “latinidade” desta região, poderíamos, mas em nome (da hegemonia) deste quinto da sua população. Se existia então uma latinidade (...) nesta América, ela veio do poder, das classes dominantes (ROMERO, 1998, p. 84).⁷

Se segue na contramão da posição de Darcy Ribeiro, a posição de Romero vai, no entanto, ao encontro da que Walter Mignolo defende em *La ideia de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial* (2007), pois para este,

⁴ Si Bilbao formule l'expression « Amérique ... latine » et l'adjectif « latino-américain » c'est une suite logique de l'influence qu'exerce sur lui son maître français Félicité de Lamennais. Comme on l'a vu, ce dernier prêchera jusqu'à la fin de ses jours (1854) en faveur d'un front « latin » comme source de spiritualité, en opposition aux « forces aveugles de la matière » de la « race anglosaxonne ».

⁵ São de nossa autoria as traduções em língua estrangeiras das referências no original.

⁶ il y a chez Bilbao et chez Torres Caicedo un manque complet d'analyse des forces réelles de leur Amérique ; celle-ci est réduite à une opposition simpliste entre intérêts étrangers anglo-saxons et intérêts nationaux”.

⁷ “vers 1850, sur l'ensemble de la population de cette Amérique, moins d'1/5^e pouvait être considéré, dans un sens très large, ethniquement « latine » (...). Ainsi donc si l'on voulait parler de la « latinité » de cette région, on le pouvait, mais au nom de (l'hégémonie de) ce cinquième de sa population. S'il y avait alors une latinité (...) dans cette Amérique, elle venait du pouvoir, des classes dominantes.

A “latinidade”, uma identidade reivindicada pelos franceses e adotada pelas elites crioulas, funcionou, em última instância, como um conceito que os localizou abaixo dos anglo-americanos e apagou ou degradou a identidade dos indígenas e sul-americanos de origem africana. Estas foram, em suma, a história, o significado e as consequências da “ideia de América Latina” (MIGNOLO, 2007, p. 20).⁸

Ora, diante dessas eficientes desmontagens das fragilidades do conceito, por que produzir um dossiê cujo título faz um uso ainda mais controverso da expressão? Isto porque para além das questões levantadas acima ainda introduz territórios de colonização francesa no problemático conjunto, territórios estes que, à exceção da Guiana Francesa, ocupam um espaço fora do continente, mas precisamente no mar do Caribe? A resposta deve ser formulada justamente a partir das fragilidades apontadas, em paralelo a um questionamento das possíveis nomeações envolvendo os diferentes territórios envolvidos. Pois, como defende Paul Estrade,

O nome “latino” aplicado à América será, admito, uma imprecisão em si, especialmente se for escrito com um “l” minúsculo, mas não é nem mais nem menos “equivocado” do que o de “ibérico” (como fica o Haiti nesse conjunto?). O nome da América Latina, ou Latinoamérica, se preferirem, não é nem mais nem menos inadequado do que os nomes com os quais competiu na fase do seu nascimento e estabelecimento: Hispanoamérica ou América do Sul (ESTRADE, 2004, p. 147).⁹

Ou seja, não se trata de fazer uma defesa da precisão do conceito, mas de apontar o problema do conjunto de nomeações e o que as motivam. Pois se ao dizermos América do Sul estamos desenhando uma unidade que se justifica geograficamente, e América Hispânica um conjunto limitado linguisticamente, em ambos os casos perde-se a dimensão política que engloba uma enorme diversidade cultural ao mesmo tempo que encerra, em sua dimensão latino-americana, uma articulação de questões comuns a diversos territórios. O mesmo problema valeria, no contexto desse complexo heterogêneo, para a delimitação geográfica a que chamamos Caribe, pois, como sustenta Horta,

culturalmente a América Latina está conformada por muitos povos, nações, línguas, religiões, sincretismos, racismos, territorialidades, nacionalidades; predomina a diversidade cultural. O Caribe - carente de definição e de delimitação - constitui mais uma das várias regiões latino-americanas” (HORTA, 2021, p. 211).

No caso específico do presente dossiê, isso permite incorporar a Guiana ao Haiti e aos territórios de Guadalupe e Martinica, reforçando a dimensão política na base da conformação da América Latina. Trata-se, assim, de fazer da fragilidade totalizadora do conceito sua força plástica ao permitir acolher as diferenças apontadas por Horta. Ao mesmo tempo, trata-se de pensar o

⁸ La «latinidad», identidad reivindicada por los franceses y adoptada por las elites criollas, en última instancia, funciona como un concepto que las ubicó por debajo de los angloamericanos y borró o degradó la identidad de los indios y los sudamericanos de origen africano. Ésas han sido, en suma, la historia, el significado y las consecuencias de la «idea de América Latina».

⁹ La denominación de “latina” aplicada a América será, lo concedo, una inexactitud en sí, en particular si se escribe con una “l” minúscula, pero no es más ni menos “equivocada” que la de “ibérica” (¿qué es de Haití en ese conjunto?). La denominación de América Latina, o Latinoamérica, si se prefiere, no es más ni menos inadecuada que las denominaciones con las cuales estuvo compitiendo en la etapa de su nacimiento y arraigamiento: Hispanoamérica o América del Sur.

modo como essas diferenças respondem à singularidade radical da dimensão política que conforma os territórios envolvidos, aproximando-nos das reflexões de “Aníbal Quijano, para quem foi aqui, em nossa América, que se produziu e se estabeleceu o padrão de poder hoje globalmente hegemônico, cujo caráter constitutivo é a peculiar associação entre colonialismo, modernidade e capitalismo” (NOVAES, 2006, p. 13-14). Como diz o próprio Quijano (2006, p. 49), “A região que hoje chamamos de América Latina foi se constituindo com e como parte do atual padrão de poder dominante no mundo”, ou seja, “a América Latina foi tanto o espaço original como o tempo inaugural do período histórico e do mundo que ainda habitamos”. Assim, se a expressão que nomeia esse espaço / tempo inaugural é a marca de uma violência fundadora, como defende Mignolo, ela também é o testemunho de todo o processo de resistência gestado nos desdobramentos desse mesmo espaço / tempo. Este ponto é crucial para que se reconheça o papel que o termo ocupará no imaginário das lutas de resistência ao longo de todo o século XX e, por que não dizer, início do XXI.

As ponderações feitas até este ponto permitem uma maior compreensão das reflexões elaboradas pelos artigos publicados no presente número da *Revista do Gelne*. As diferentes contribuições colocam no cerne do debate algumas questões primordiais da contemporaneidade latino-americana, tais quais: a alteridade, a intolerância às diferenças, a relação entre natureza e cultura e as desigualdades sociais que atingem sobretudo as populações negras e indígenas, apontando para a relação da atualidade desses problemas com o passado de violência colonial, no que Quijano entende como colonialidade do poder:

a colonialidade do poder implicava então, como ainda hoje basicamente, a invisibilidade sociológica dos não-europeus, “índios”, “negros” e seus “mestiços”, ou seja, da assombrosa maioria da população da América e sobretudo da América Latina, a respeito da produção de subjetividade, de memória histórica, de imaginário, de conhecimento “racional”. Logo, de identidade. (QUIJANO, 2006, p. 78)

Novamente, é preciso pensar esses processos e sua relação com a formação da América Latina em sua dimensão de resistência como possibilitadora de construção de um horizonte de libertação: “É pertinente assinalar, contra todo esse pano de fundo histórico e atual, que a questão de identidade na América Latina é, mais que nunca, um projeto histórico, aberto e heterogêneo, não só e talvez nem tanto uma lealdade à memória e ao passado” (QUIJANO, 2006, p. 85). É o que vemos em grande parte dos estudos aqui apresentados, os quais permitem pensar a literatura latino-americana em língua francesa (Haiti, Martinica, Guadalupe e Guiana Francesa) como experiências singulares dos processos coloniais instaurados pela França¹⁰ através dos diferentes modos como dramatizam o passado colonial e suas vicissitudes no presente. Assim, pode-se dizer que tanto os autores e autoras aqui estudados assim como seus críticos e críticas integram o projeto mencionado acima por Quijano. Dito de outro modo, ao assumirem a dimensão ao mesmo tempo estética e política das literaturas em questão neste dossiê, ambos participam desse processo de “formação da identidade latino-americana”, a qual, para Quijano, “implica, desde o início, uma trajetória de inevitável destruição da colonialidade do poder, uma forma muito específica de descolonização e liberação (QUIJANO, 2006, p. 85)

Em *Discurso sobre a colonização*, Aimé Césaire (2020) demonstra como a colonização desvirtua a noção de sujeito ao destituir o ser de suas relações mais íntimas com a terra, suas línguas e culturas. Ela o brutaliza ao corroborar para a destruição de sua integridade psíquica e, conseqüentemente,

¹⁰ Com exceção do Haiti, que conquistou sua independência em 1804, as outras regiões em que o francês é língua oficial ainda estabelecem relações de dependência administrativa com a França, que continua a exercer um papel de metrópole, ou seja, de centralidade do poder político, econômico e cultural.

para o esvaziamento da ideia mesma de humanidade. As reflexões a que leitores e leitoras terão acesso nesse número da *Revista do Gelne* parecem apontar para o fato de que a literatura pode funcionar como resistência a essa desumanização ao criar a possibilidade de imaginarmos uma comunidade que, fundada pela violência colonial, “vive a experiência real da criouliização através da escravidão, da opressão, do desapossamento (...), e através desses desapossamentos, dessas opressões e desses crimes realiza uma verdadeira conversão do ‘ser’” (GLISSANT, 2005, p. 17). Os diferentes textos estudados e a diversidade de abordagens apresentadas fazem deste dossiê sobre as literaturas latino-americanas em língua francesa um testemunho dessa conversão.

Por último, é preciso dizer que o itinerário percorrido acima sobre a gênese e o funcionamento do termo “América Latina”, permite ainda lançar um olhar mais geral sobre o lugar das literaturas neste processo de nomeação. Não é preciso dizer que a arte não se pretende, necessariamente, pesquisadora dos fenômenos sociais. No entanto, nos estudos aqui apresentados e em diálogo direto com o que procuramos explicitar na problematização do próprio título do dossiê, fica clara a contribuição contínua e consistente da literatura, já que esta cria, inventa e recompõe a realidade em seus processos textuais e, desse modo, promove grandes rearranjos sócio-culturais e linguísticos e, conseqüentemente, políticos e identitários. Não é por acaso que as produções que chamamos de *Literaturas latino-americanas de língua francesa* têm sido objeto de descoberta e deslumbramento no Brasil. Elas evocam vidas – passadas, presentes e futuras –, imaginadas e reais, que colocam no centro de nosso questionamento contemporâneo não somente os grandes debates atuais, como os relacionados à raça, ao gênero e às disputas de classe, para ficar em alguns dos temas tratados nos estudos deste número. Há também um profundo retorno a si, como o próprio debate sobre o termo América Latina evidencia.

No decorrer dos 11 artigos agrupados neste número da Revista do Gelne, encontramos uma diversidade entre países e regiões, autores e, principalmente, autoras contemporâneas que nos convocam a refletir sobre nossas identidades coletivas e nacionais, sobre o “eu” que desejamos incluir ao sermos impelidos ao uso do “nós”, este pronome plural a que temos, por vezes, negado seu senso de diversidade. Isso tudo nos remete, inevitavelmente, à perda recente de Maryse Condé, autora guadalupense que faleceu no dia 02 de abril de 2024, momento em que os textos deste número estavam em estágio de avaliação pelos pareceristas da revista. Condé, em seus 90 anos, construiu uma produção rica e diversa, e desde cedo descobriu na literatura um modo de viver e agir no mundo, como ela mesma explica em *Um coração que chora e que ri* ao falar de sua leitura do romance *La Rue Cases-Nègres*, de Joseph Zobel:

De uma só vez caía sobre as minhas costas o peso da escravidão, do tráfico de escravos, da opressão colonial, da exploração do homem pelo homem, dos preconceitos de cor sobre os quais ninguém, com a exceção, às vezes, de Sandrino, nunca havia me falado. É claro que eu sabia que os Brancos não frequentavam os Negros. Contudo, atribuía isso, como meus pais, à burrice e à cegueira insondável deles (...). Eu não podia de maneira alguma apreender o universo funesto da plantação (CONDÉ, 2022, p. 125).

Essa passagem aparece no livro como uma espécie de canto de louvor aos poderes da literatura, pois, como confessa Condé,

Hoje, tudo me leva a crer que aquilo que chamei mais tarde, um pouco pomposamente, de “meu engajamento político” nasceu daquele momento preciso, de minha identificação forçada com o infeliz José. A leitura de Joseph Zobel, mais do que os discursos teóricos, abriu meus olhos (CONDÉ, 2022, p. 125).

Por isso, como um gesto de singela homenagem, decidimos iniciar e terminar esse dossiê com os artigos que se debruçam sobre a autora e sua obra. Para que os olhos de Condé continuem a se abrir nos desdobramentos de novos olhares.

Referências Bibliográficas

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

CONDÉ, Maryse. **O coração que chora e que ri: contos verdadeiros da minha infância**. Tradução de Heloisa Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

ESTRADE, Paul. “Concepto de América Latina”. In: **Historia y Ciencias Sociales**. Santiago: Ministerio de Educación, República de Chile, 2004, p. 145-149.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de fora: Editora UFJF, 1996.

HORTA, Célio Augusto. “América Latina: conceito e limites”. In: **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.15, n.2, 2022, p. 191–218. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/33121>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

MIGNOLO, Walter. **La ideia de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Tradução de Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

NOVAES, Adauto. “Perto de um mundo distante.” In: NOVAES, Adauto (org.). **Oito visões da América Latina**. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 9-21.

QUIJANO, Aníbal. “Os fantasmas da América Latina”. Tradução de Olga Cafalcchio. In: NOVAES, Adauto (org.). **Oito visões da América Latina**. São Paulo: Editora Senac, 2006, p. 49-85.

RIBEIRO, Darcy. **A América Latina existe?** Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010.

ROMERO, Vicente. “Du nominal « latin » pour l’Autre Amérique. Notes sur la naissance et le sens du nom « Amérique latine » autour des années 1850”. In: **HSAL**, n°7, premier semestre 1998, p. 57-86.